

Chase só negocia se Brasil pagar juros

BRASÍLIA — O Chase Manhattan Bank não aceita que o Brasil vincule o pagamento dos juros atrasados à negociação global da dívida externa. O segundo maior credor brasileiro quer que primeiro sejam quitados os atrasados, e de forma rápida, para depois se discutir a questão da dívida como um todo. Isto foi dito, com todas as letras, pelos executivos do Chase aos membros do Governo nesses dois últimos dias.

— A posição da comunidade financeira internacional — e acho que falo aqui também em nome dos japoneses e europeus — é de que é importante resolver o problema dos atrasados primeiro e não vinculá-lo com negociação da dívida global — afirmou ontem o Presidente do Conselho de Administração do Chase, Thomas Labrecque.

O argumento utilizado pelo banqueiro para tentar convencer o Governo da necessidade de resolver já o problema dos atrasados foi que os futuros investidores estão com os olhos voltados para o tratamento hoje dispensado pelo Brasil a seus atuais investidores. Apesar de não haver entrado em detalhes específicos da dívida de US\$ 2,32 bilhões do

Brasil com o Chase, os executivos do banco ponderaram tanto para a Ministra da Economia, Zélia Cardoso de Melo, quanto para o Presidente do banco Central, Ibrahim Eris, que o atraso no pagamento dos juros prejudica a imagem do País no exterior e atrapalha futuros investimentos.

— Os investidores não são inimigos — lembrou Labrecque.

Coube ao fundador do Council of America e Presidente do Comitê de Assessoramento Internacional do Chase, David Rockefeller, falar sobre as relações globais do Brasil com os Estados Unidos. Ele acredita que as possibilidades são boas, já que o Brasil deixou de lado a questão do protecionismo e adotou a economia de mercado, a privatização e uma política cambial mais flexível. Mas, de toda forma, acha Rockefeller, é fundamental que se resolva antes a questão da dívida externa.

— É importante resolver esse problema de forma rápida, justa e bem feita para se chegar a uma solução correta e criar um clima mais positivo até mesmo para a privatização, a inflação, os investimentos externos e internos e para a poupança bloqueada — disse Labrecque.

Foto de Lula Marques



Thomas Labrecque (à esquerda) e David Rockefeller, do Chase Manhattan